

O futuro é uma desilusão?

Maria Paulina Hummes Pölking¹, Simone Engbrecht²

Freud (1927) quando contava 71 anos nos escreve em O Futuro de uma Ilusão: *"Acreditamos ser possível ao trabalho científico conseguir um certo conhecimento da realidade do mundo, conhecimento através do qual podemos aumentar nosso poder e de acordo com o qual podemos organizar nossa vida. " ... "a ciência através dos seus numerosos sucessos, já os deu provas de não ser uma ilusão."* E Freud encerra seu trabalho com o seguinte pensamento: *"Não, nossa ciência não é uma ilusão. Ilusão seria imaginar que aquilo que a ciência não nos pode dar, podemos conseguir em outro lugar. "*

Como pensar as perspectivas da psicanálise com as perspectivas do avanço da vida.

O homem é gerado, nasce, cresce e morre - Este é o projeto ... trajeto curso da vida.

O sonho da eternidade se depara com a finitude.

O que se vislumbra como futuro? Invariavelmente o envelhecimento e a morte.

Pensar sobre o envelhecimento, em nossos pacientes idosos, na escuta psicanalítica e na prática da psicanálise é o objetivo deste trabalho feito a duas cabeças e quatro mãos, fruto de um pensar compartilhado entre a Simone e a Paulina que descobriram o interesse comum em trabalhar com pacientes que já ultrapassaram os 50... *marco* inicialmente pensado por Freud como parâmetro para a prática da psicanálise.

Em Sobre a Psicoterapia (1904) estabelece condições para analisabilidade. Entre elas a idade não superior a 50 os. A proposta é discutirmos esta entre outras questões.

Podemos pensar que hoje a expectativa de vida modificou-se mas não podemos esquecer as grandes produções de Picasso que pintou o mural Guerra e Paz aos 71 anos, Goethe que escreveu Fausto (I) aos 60 e Fausto (II), aos 83 e Verdi que compôs a ópera Otelo aos 76 anos.

O próprio Freud produziu até a morte, ampliando o seu pensar a medida que envelhecia. E aí se estabelece uma ligação com o título deste trabalho.

Por que este título? Não há como esquecermos este Freud que, aos 71 anos, escreveu 'O Futuro de Uma Ilusão' para falar na Psicanálise - esta velha com mais de cem anos. Freud pensava sobre o futuro das criações em Psicanálise.

Por que não seria viável, produtivo, fecundo, estender a psicanálise ao sujeito idoso?

Se existe um aparelho psíquico, se existe uma sexualidade, se existe a possibilidade de transferência ... sendo o inconsciente atemporal, porque o limite seria o tempo?

Rolla levanta que a crise da 3ª idade ou da senescência assemelha-se à da adolescência, e de como em ambas o indivíduo deve valer-se da criatividade para poder assegurar seu equilíbrio. Apontando também para a necessária quebra da figura do geronte como modelo de ancião sábio e sem sexualidade genital - modelo que o leva a uma condição púbere, encobrendo o significado real de vida fértil e potente que pode ter um sujeito em sua velhice.

As questões pensadas na elaboração deste trabalho delineiam-se por duas vertentes.

A primeira delas: os efeitos do envelhecimento sobre o psiquismo; a segunda questão pulsional - uma questão econômica.

As mudanças e transformações físicas tornam-se evidentes a medida que os anos passam. O sujeito defronta-se com um corpo que não funciona mais como antes. Os movimentos não são mais ágeis, as defesas são mais frágeis, os sentidos menos aguçados. Tudo isto exige do ego uma capacidade elaborativa.

Freud no capítulo VII da Interpretação dos Sonhos cita que ao dormir tiramos o postigo para nos entregarmos a um processo regressivo. Se utilizarmos o mesmo modelo dos sonhos para falarmos do envelhecimento: o pólo motor está menos investido e a produção onírica inicia. O envelhecimento exige do aparelho uma modificação em sua economia.

O funcionamento interno também modifica-se, as alterações hormonais marcam na mulher o fim do ciclo reprodutivo com a menopausa.

Diante destas mudanças, que através dos avanços da medicina podem ser postergadas, amenizadas, suavizadas mas não evitadas, que efeitos se produzem no psiquismo? Como serão vivenciadas tais perdas e como se pode pensar o processo de luto do idoso pelo corpo adulto?

Aberastury aborda a adolescência também como período de lutos pelas perdas da infância. Podemos estabelecer o paralelo com os lutos da maturidade e velhice, sendo pela nova condição de aposentadoria, saída dos filhos da casa paterna, morte de um cônjuge, mudanças de domicílio.

De que forma pensar os efeitos das mudanças no corpo sobre o psiquismo? Se o adolescente se depara com um novo corpo o idoso também o faz - voltamos a capacidade elaborativa do ego frente a perda e a capacidade de tradução de uma nova percepção de si mesmo. Neste processo um corpo investido pode sofrer o que Joyce McDougall (Teatros do Corpo-1997) chama de processo de desafetação "uma pessoa se desafeiçoa de alguém ou alguma coisa quando dele se desapega ou lhe retira sua afeição". O termo merece ser melhor examinado e Joyce McDougal¹ traz a possibilidade de outros dois sentidos.

Des - prefixo latino pode significar separação ou perda - significando metaforicamente que o indivíduo está psiquicamente separado das suas emoções ou tenha "perdido" a capacidade de ficar em contato com as realidades psíquicas. Outra alusão feita é a da questão patológica evocada pelo prefixo grego **dis**.

Vamos nos deter no primeiro. O indivíduo separado de suas emoções. Na análise

aparece com um discurso intelectualizado - discurso de palavras desafetadas, refere McDougall, onde as palavras não tem mais a sua distinção primordial - ligação pulsional - mas existem como estruturas congeladas, esvaziadas de substância e significação. A autora aponta que quando acontece o fenômeno de desafetação o indivíduo corre o risco de alterar sua capacidade de sonhar o que pode aumentar o perigo de um desmoronamento psicossomático e isso talvez justifique no idoso a preocupação com o soma, o aparecimento maciço de doenças e a dificuldade de expressão e a circulação de afeto.

McDougall propõe hipóteses sobre o tema do funcionamento mental que gera esse estado de desafetação referindo-se primeiramente aos fatores dinâmicos que podem servir de base à existência de uma brecha psíquica entre as emoções e as representações mentais às quais estão ligados. Seria possível pensar que, a partir das mudanças de percepções, novas representações mentais seriam traduzidas? A ausência de sintonia entre esse processo de percepção, representação emocional não poderia acarretar tal brecha psíquica provocadora da desafetação definida pela autora?

São questões a serem pensadas

Embora Freud não tenha se ocupado especificamente com a questão do envelhecimento podemos pensar a partir da escuta analítica, de que forma as transformações externas afetam o psiquismo do sujeito. Pensar também, que forma o investimento externo no indivíduo irá acontecer, e aí pensamos na mãe que sexualiza o bebe fragilizado e em condição de dependência e de como ocorre esse processo inverso quando as condições físicas deixam o sujeito mais fragilizado e ele possa também ser investido por aqueles ao seu redor. Pensamos então na capacidade do sujeito em poder ser investido e em investir em si mesmo - abrir a possibilidade de analisar-se

A partir do que os indivíduos com uma maior quantidade de anos de vida nos remetem - a uma sedução movida por uma história rica. E haja história! Pensar sobre passado parece simples, quando pensar sobre o futuro parece complicado. Em análise, os analistas estão em posição assimétrica em relação aos pacientes. Isso em função da dor que estes estão sentindo seduzidos pelas histórias. Sedução talvez necessária pela necessidade de investimento narcísico, nós analistas podemos deixar que a assimetria se inverta e a análise não continue. Analisar os efeitos do envelhecimento no psiquismo é analisar uma ferida já aberta no passado, as dores provoca das pelo rompimento narcísico advindo do complexo de castração.

Em 1908, Freud relaciona a produção das Teorias sexuais Infantis com a descoberta da diferença anatômica. O complexo de castração faz com que formulemos teorias sobre a origem da vida. E nos perguntamos: e sobre destino da vida, sim - a morte? Teorias sobre a morte também são produzidas?

Passamos agora para a segunda vertente - a relação da economia psíquica e o envelhecimento. Sendo o inconsciente atemporal não seria o tempo de existência do sujeito uma limitação para a intervenção psicanalítica – o tempo não é o limite da escuta. Ele funciona de acordo com o processo primário, sendo regido pelo princípio do prazer seu destino depende apenas do grau de sua força e do atendimento às suas exigências da regulação prazer / desprazer.

Como é atemporal, tudo aquilo que está lá em registro não some, porém, como coloca Freud, prolifera no escuro. Mas, o que prolifera? As ligações entre os

representantes pulsionais ou a pressão das pulsões ainda não representadas, não ligadas. Se assim for poderíamos construir como hipótese que as pulsões tornam-se mais intensas com o passar dos anos. Quando o aparelho psíquico por onde circulam as pulsões, não conseguir amansá-las podemos dizer que uma quantidade delas fica sem ligação. E aí estamos falando de pulsão de morte. De uma repetição, uma reedição por muitos anos.

Encerramos este relato de questões compartilhadas com o poema de Carlos Drummond de Andrade:

Qualquer Tempo

Qualquer tempo é tempo
A hora mesma da morte
É a hora de nascer

Nenhum tempo é tempo
Bastante para a ciência
De ver, rever

Tempo,contratempo
anulam-se, mas o sonho
resta, de viver

Sempre é tempo, sempre há tempo.
Somente dirá "não há mais tempo" o algoz, executor da pena de morte.
Segue a história do tempo para nos ajudar a pensar.

História de Cronos

Sobre o Universo reinava o deus Saturno, a quem os gregos chamavam Cronos ou Tempo, e que desposou a deusa Rea. Sobre a felicidade de ambos pesava uma terrível ameaça, pois haviam profetizado a Saturno que seria destronado por um de seus filhos, o qual tornar-se-ia então, o deus soberano do mundo. Tal profecia preocupava-o muito, mas ele achou um meio fácil de conjurá-la: devorar os próprios filhos. Apenas nasciam, apoderava-se deles, engolindo-os de um só bocado, sem dó nem piedade.

Imaginem o desespero de Rea! A pobre mãe não sabia o que fazer.

Um belo dia, nasceu o pequeno Júpiter ou Zeus. Tinha olhos luminosos, cor do céu, e longos cabelos dourados. Rea jamais havia tido um filho tão bonito! Para salvá-lo decidiu recorrer a um stratagem: apanhou uma pedra do tamanho de uma criança, envolveu-a cuidadosamente com panos e apresentou-se ao esposo, acalentando-a nos braços, como se fosse uma criança. Se queres devorá-lo, já está preparado.

Era justamente a hora da ceia e Saturno estava com muita fome. Na penumbra

da noite, nada percebeu. Tomou o embrulho das mãos de Rea e engoliu a pedra com panos, sem reparar nisso.

Que não sejamos capturados e engolidos pelo tempo ao pensarmos e formularmos nosso diagnóstico ou nossa indicação terapêutica.

Que possamos olhar além do tempo - vivido ou por viver.

Bibliografia

1. ABERASTURY, Arminda e KNOBEL, Maurício. *Adolescência Normal*. Artes Médicas, Porto Alegre. 1981.
2. FREUD, Sigmund. *Obras Completas*. Volume VII - Sobre a Psicoterapia (1904).
3. ___. *Obras Completas*. Volume IX - Sobre as Teorias Sexuais das Crianças (1908).
4. ___. *Obras Completas*. Volume XIV. O Inconsciente (1915).
5. ___. *Obras Completas*. Volume XXII. O Futuro de uma Ilusão (1927).
6. McDOUGALL, Joyce. *Teatros do Corpo. O psicossoma em Psicanálise*. Martins Fontes, São Paulo. 1986.
7. ___. *Em Defesa de Uma Certa Anormalidade - Teoria e Clínica Psicanalítica*. Artes Médicas, Porto Alegre. 1991.
8. SANTOS, Eliane dos. A Dor de Envelhecer. *Revista Insight*, nov 1999. Ano IX - nO 101.